

VISÃO DO CORREIO

A corrupção e o risco de normalidade

Nos últimos 10 anos, o Brasil está estagnado abaixo da média global de um dos principais indicadores globais sobre corrupção no setor público, o Índice de Percepção da Corrupção (IPC). Ocupa a 107ª posição do ranking composto por 182 países e territórios, com 35 pontos, sete a menos que o desempenho médio contabilizado em 2025. Trata-se da segunda pior nota desde que a série histórica começou a ser feita, em 2012, e é equiparada à de países como a Ucrânia, em guerra há quase quatro anos.

O relatório, divulgado nesta terça-feira, chama a atenção para a dificuldade do país em "conseguir sustentar avanços estruturais capazes de alterar sua posição relativa no ranking internacional". Também destaca a "trajetória marcada por fragilidade institucional, baixa efetividade dos mecanismos de integridade e dificuldades persistentes de controle da corrupção no setor público", sinalizando um perigoso risco de que práticas do tipo deixem de provocar a indignação e as respostas necessárias.

A avaliação de Bruno Brandão, diretor executivo do Transparência Internacional-Brasil, que faz parte da elaboração do IPC, dá a dimensão do problema. Segundo ele, os Três Poderes têm contribuído para a inércia do país no enfrentamento à corrupção, ainda que se destaque positivamente a resposta "firme e histórica" do Supremo Tribunal Federal ao condenar os líderes da intenção golpista, incluindo o ex-presidente Jair Bolsonaro e militares de alta patente. Em contraponto, recentes casos de "macrocorrupção em escala inédita, como INSS e Master, impunidade generalizada mesmo para corruptos confessos e condutas desmoronizantes de ministros do próprio STF" também "chocaram o mundo".

O IPC é construído a partir de 13 fontes independentes, como organismos multilaterais e centros de pesquisa, que

avaliam percepções de especialistas e executivos sobre corrupção no setor público. A pontuação de cada país corresponde à média dessas fontes e se enquadra em uma escala de zero a 100. O Brasil nunca chegou à metade. Pontuou melhor em 2012 e 2014, com 43 pontos. O pior desempenho foi em 2024: 34 pontos, praticamente o mesmo que a situação atual.

O cenário revela-se ainda mais agravado quando se considera a análise dos países conforme a realidade democrática. A média da pontuação de países com democracias plenas em 2025 é de 71; com democracias deficitárias, 47; em regimes não democráticos, 32 — ou seja, apenas três pontos a menos que a realidade brasileira. Não é exagero, portanto, temer que vulnerabilidades tão profundas em instituições nacionais ofusquem as tentativas de fortalecimento da agenda anticorrupção.

Grandes escândalos deixam evidentes os impactos da corrupção no dia a dia da população. Mas corrupções em menor escala também precarizam os serviços públicos e acentuam as desigualdades entre outras mazelas. Em nota, a Controladoria-Geral da União (CGU) reiterou as críticas à forma como é calculado o IPC e reafirmou que ele "não mede a ocorrência real de corrupção, nem avalia políticas públicas de enfrentamento, investigações ou resultados institucionais".

Ainda que haja divergências metodológicas, não se pode negar que é extensa a lista de esquemas fraudulentos que chegaram ao noticiário nas últimas décadas e que a corrupção figura entre as principais preocupações dos brasileiros. Há de se reconhecer também que o controle da máquina pública exige medidas de inteligência, fortalecimento das práticas de transparência, aprimoramento dos canais de denúncia, rigor nas punições. Dá trabalho, mas é basilar. Desvios de recursos não podem cair na normalidade sob o risco de colocarem em xeque princípios civilizatórios.

PALOMA OLIVETO
paloma.oliveto@cbpress.com.br

Não basta fechar a boca e malhar

O discurso da meritocracia é burro e só faria sentido em um mundo sem desigualdade, o que é impossível. O engracado é que, enquanto muita gente empunha a bandeira do "fazer para acontecer", poucos se lembram de que a palavra foi cunhada como sátira pelo sociólogo britânico Michael Young, em um ensaio de 1958. No texto, ele criticava, adivinhe, uma civilização que preferia o QI alto e o "esforço" à justiça social.

Se esse conceito não funciona para comparar a trajetória de pessoas com oportunidades socioeconómicas disparatadas, tampouco deveria ser aplicado em relação a doenças. Ninguém, é claro, defende que basta força de vontade e determinação para uma pessoa sem pernas chegar em primeiro lugar na corrida de São Silvestre. Porém, quando o assunto é obesidade, adoramos repetir a fórmula da boa forma física: "Basta malhar e fechar a boca".

Isso pode ser verdade para a maioria de nós, que estamos em eterna luta contra a balança, mas não abrimos mão do docinho diário e adiamos a atividade física para uma suposta segunda-feira que não chega nunca. Porém, exigir que a receitinha funcione para pessoas com obesidade, uma doença reconhecida pela Organização Mundial da Saúde (OMS), é tão cruel quanto querer que o filho da diarista compita no mercado de trabalho com o nosso filho bem nutrido e diplomado em

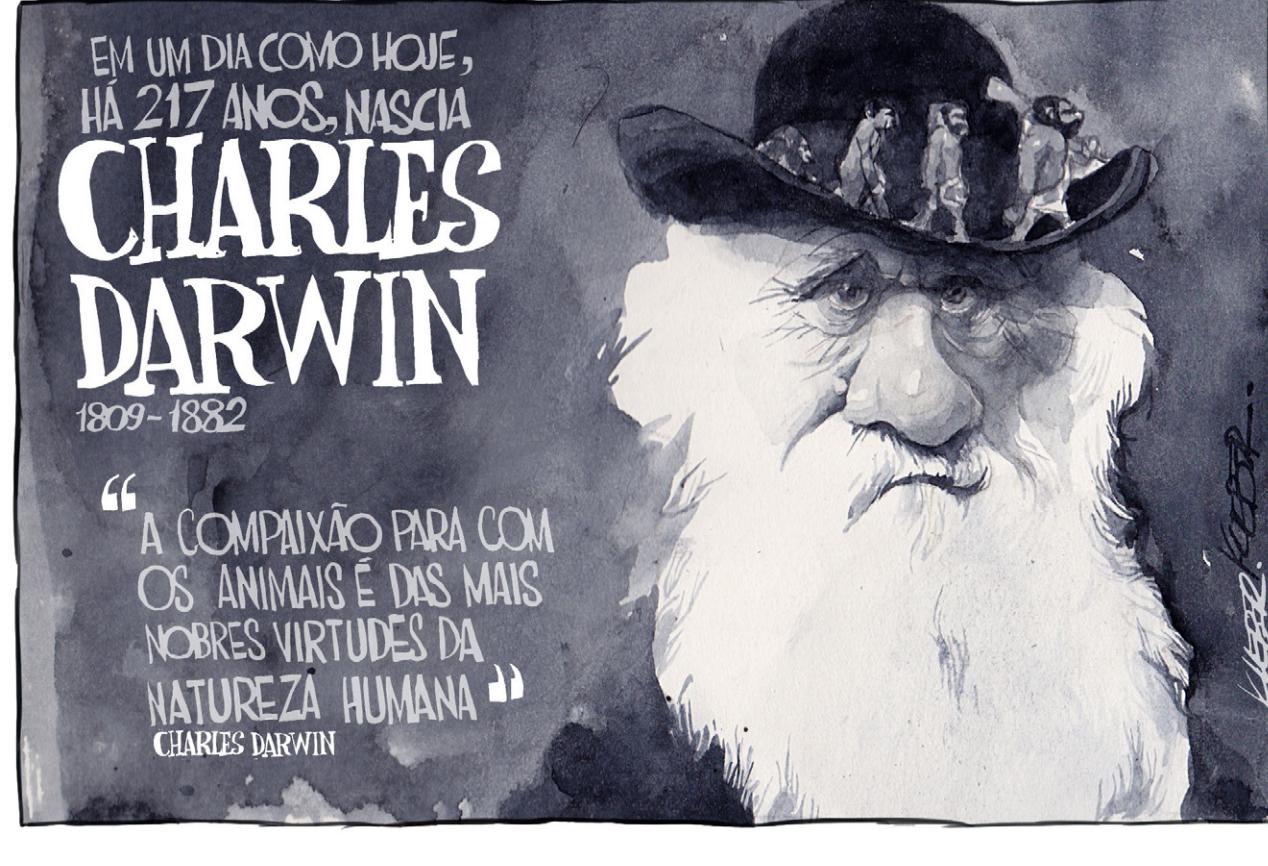
inglês-espanhol-mandarim.

Há décadas, cientistas estudam os mecanismos da obesidade e, com o aprimoramento de técnicas de rastreamento cerebral, já se sabe que o órgão de pessoas com a doença tem estrutura e funcionamento diferentes, especialmente nas redes neuronais associadas à impulsividade e à saciedade. Sejam essas alterações causa ou consequência, não se pode ignorar que "malhar e fechar a boca" aqui não se aplicam.

Evidentemente, há pessoas com obesidade que conseguem emagrecer sem medicamentos ou cirurgia. Assim como há aquelas que, submetidas a uma infância de fome, trabalho e pouca instrução, ingressam cursos concorridos nas melhores universidades. São, claro, exceções.

Considerados revolucionários, os análogos de GLP1 funcionam induzindo o organismo da pessoa com obesidade a funcionar como os dos magros. Comer menos e colher os benefícios da atividade física, então, torna-se uma missão possível.

Esses medicamentos, porém, não devem ser encarados como canetas mágicas, como se bastasse uma picadinho para a gente voltar ao manequim 38 depois dos exageros natalinos. Evidentemente, qualquer substância externa não age sem custos — financeiros e orgânicos. Quanto mais gente usar os análogos de GLP1, com ou sem necessidade real, mais se descobrirão efeitos colaterais em potencial.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.

» E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Segurança

Alguns fatos são incontestáveis, como o alarmante aumento da violência, em especial dos furtos e assaltos de celulares que, muitas vezes, se transformam em homicídios. A maioria dessas ocorrências não é registrada, pois a descrença na polícia e na recuperação do patrimônio furtado é total. Assim, essa praga é vista em todas as capitais e chegou no Distrito Federal pela ausência total de policiamento ostensivo e preventivo. Grande parte desses furtos e roubos são praticados por bandidos em motocicleta. Aqui na Asa Sul é constante e rotineiro. Ora, por que não fazem blitz nas vias para verificar se realmente são trabalhadores? Sabemos que muitos ganham a vida como entregadores, mas até para a segurança deles uma ação efetiva, imediata e constante é mais que urgente! Aqui no DF, ainda temos o fato da população em situação de rua. É um problema social, mas também um problema de segurança. Maior vigilância e ação social e policial iriam prevenir boa parte desses crimes. Mas falta vontade política de colocar a polícia nas ruas e que acabe com as jornadas privilegiadas (descansam quatro dias e acabam fazendo bico na segurança pública). Falta um governo que quebre esse corporativismo e coloque nas ruas os policiais mais bem pagos do país! Que melhore a iluminação pública e retire os matagal das áreas verdes das quadras 700, onde se escondem os meliantes.

» Márcio Dias Santos
Asa Sul

Imóveis

Pesquisa mostra que os imóveis novos valorizam 12,6% no Distrito Federal em 2025, mas o número de unidades comercializadas caiu. Não é que caiu, é muito imóvel sendo construído e não tem gente para ocupar. Aqui em Águas Claras está entupido de obra, não tem terreno vazio para aparelhos públicos, só tem especulação imobiliária. Aqui não cabe mais gente. Ninguém anda, não tem estacionamento. É um verdadeiro inferno!

» Manuella Albuquerque

Águas Claras

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

A ANTT afirma que as tarifas do Entorno terão reajustes na segunda quinzena de fevereiro. E o ar-condicionado para a população?

Hugo Fraga — Brasília

Morar no Entorno é o barato que sai caríssimo. Sinto muita pena desse povo que é abandonado pelos governos de Goiás, do DF e federal.

Éderson Luciano — Brasília

Carnaval, Copa do Mundo e eleição. O ano só começa após o segundo turno da eleição, dia 25 de outubro.

Abrahão F. do Nascimento — Águas Claras

O Brasil mantém a sua pior posição no ranking de corrupção. É um ritual anual que ninguém gosta, mas já espera. As autoridades contestam a metodologia, como se o problema estivesse no termômetro, não na febre.

Paccelli M. Zahler — Sudoeste

No ranking do Índice de Percepção da Corrupção (IPC) de 2025, elaborado pela ONG Transparência Internacional, o Brasil ocupa o 107º lugar entre 182 países, próximo de países como Sri Lanka, Argentina e Ucrânia. Enfim, esse é o nosso Brasil!

Itiro Iida — Asa Norte, Brasília

A compreensão da missão que o padre Lancelotti realiza foge à perspectiva de deixar-se intimidar por provocações do inimigo, que não faz o bem e deseja que ninguém mais o faça. Siga, padre, sua missão é de Deus.

Maria Ângela dos Santos — Brasília

Cruzadas

Certa vez, ouvi do pândego Jô Soares que os apreciadores das palavras cruzadas só acrescentavam aos seus conhecimentos, na curtição desse prazer, os conteúdos da "cultura inútil" que fluía desses entretenimentos. Pois eu, hoje, compulsando uma dessas distrações, fiquei sabendo, muitíssimo surpresto, que a bela e sedutora atriz austríaca Hedy Lamarr, que no cinema sacudia os nossos corações, foi a inventora de um sistema de comunicações usado pelos americanos na Segunda Guerra Mundial — com os mesmos rudimentos científicos que evoluíram até o patamar atual da telefonia celular. "Cultura inútil"?

» Lauro A. C. Pinheiro
Asa Sul

Cotas

Há uma discussão estéril, sempre levantada pela extrema-direita, sobre a desnecessidade das cotas raciais destinadas à população negra. As cotas raciais, assim como as sociais, têm como objetivo reduzir desigualdades socioeconômicas e promover a inclusão. Curiosamente, a Lei Federal nº 5.465, de 1968, "Lei do Boi" instituída durante a ditadura militar, reservava até 50% das vagas em escolas técnicas e superiores agrícolas federais para filhos de fazendeiros, em claro favorecimento de uma população já privilegiada, revogada em 1985. As cotas, sociais e raciais, se complementam no sistema, representando uma oportunidade de corrigir erros históricos, sobretudo em relação à população negra, democratizando, no contexto geral, o ensino.

» Marcus Aurelio de Carvalho
Santos (SP)

Pedofilia

Denúncias graves envolvendo possíveis casos de pedofilia e imputação sexual exigem investigação técnica, transparente e responsável. É essencial respeitar o devido processo legal, mas, se confirmada a culpa, a punição deve ser firme. Pais devem acompanhar seus filhos com diálogo, atenção e limites. Proteger a infância é dever de todos.

» Rabino Eliahu Hasky
Rio de Janeiro (RJ)

CORREIO BRAZILIENSE

"Na quarta parte nova os campos ará
E se mais mundo houvera, lá chegara"

Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Ana Dubeux
Diretora de Redação

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

VENDA AVULSA

Localidade SEG/SÁB DOM

DF/GO R\$ 5,00 R\$ 7,00

ASSINATURAS*

SEG a DOM

R\$ 1.187,88

360 EDIÇÕES

[promocional]

*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno.

Correio do Comércio de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 9915-4045 WhatsApp, para mais

informações e outras opções de assinaturas, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinatura com forma de pagamento em empréstimo terá valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.

Localidade SEG/SÁB DOM

Assinante (61) 3342.1000 ou (61) 99996.6772 WhatsApp

Publicidade (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 WhatsApp

Classificados (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 WhatsApp

SA-CORREIO BRAZILIENSE — Administração, Redação e Oficinas Edifício Edilson Varella, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 WhatsApp.

ANJ

ASSOCIAÇÃO
NACIONAL
DE JORNALISTAS

Endereço na internet: <http://www.correioeb.com.br>. Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A. Press.

Tel: (61) 3214-1131

DIÁRIOS ASSOCIADOS

D.A. Press Multimídia

Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias;

SIG Quadra 2, nº 340, bloco I, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF;

de segunda a sexta, das 9h às 18h.

E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br

Atendimento para venda de conteúdo:

E-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h;

sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.

Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.

E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br